



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**RAFAELA RAMOS FORMIGA DA MOTA**

**DESAFIOS E RELEVÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA JUNTO A CRIANÇAS COM  
TEA**

**CAMPINA GRANDE - PB**  
**2019**

**RAFAELA RAMOS FORMIGA DA MOTA**

**DESAFIOS E RELEVÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA JUNTO A CRIANÇAS  
COM TEA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Tatiana Cristina Vasconcelos

CAMPINA GRANDE -  
PB 2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M917d Mota, Rafaela Ramos Formiga da.  
Desafios e relevância da psicopedagogia junto a crianças com TEA [manuscrito] / Rafaela Ramos Formiga da Mota. - 2019.  
34 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
\*Orientação : Profa. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC.\*  
1. Educação especial. 2. Psicopedagogia. 3. Transtorno do espectro autista. 4. Inclusão escolar. I. Título

21. ed. CDD 371.9

**RAFAELA RAMOS FORMIGA DA MOTA**

**DESAFIOS E RELEVÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA JUNTO A CRIANÇAS COM  
TEA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

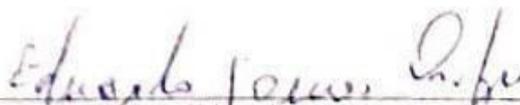
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Tatiana Cristina Vasconcelos

Aprovada em: 26/06/2019.

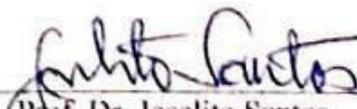
**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup>. Dra. Tatiana Cristina Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ednardo Gomes Onofre  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Joselito Santos  
Faculdade Integrada de Patos (FIP)

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, agradeço a Deus pela determinação adquirida durante toda essa jornada do curso e de escrita do relato de experiência, no intuito de adquirir conhecimentos e tornar-me uma futura Pedagoga competente.

A todos os meus amigos e familiares, particularmente meus pais Emília Maria e João Batista que compreenderam minhas ausências nos momentos familiares, minhas angústias nos períodos difíceis e meu momento de felicidade por conseguir concluir minhas pesquisas e a futura graduação.

Aos professores e colaboradores da UEPB, que me ajudaram de alguma forma e em especial a minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Tatiana Cristina Vasconcelos, que me orientou com dedicação e profissionalismo. Bem como, os professores Eduardo Gomes Onofre e Joselito Santos que aceitaram o convite para compor a banca examinadora.

Agradeço, também, a instituição de ensino, por ter me concedido a oportunidade de estagiar e observar o processo educacional e aprofundar meus conhecimentos acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as intervenções da Psicopedagogia.

*Dedico este trabalho a todos os autistas e profissionais Psicopedagogos que se empenham no processo de inclusão e aprendizagem de crianças autistas, bem como, a todos que contribuíram para minha formação acadêmica.*

*“O educador se eterniza em cada ser que ele educa”*

*Paulo Freire*

# DESAFIOS E RELEVÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA JUNTO A CRIANÇAS COM TEA

RAFAELA RAMOS FORMIGA DA MOTA<sup>1</sup>

## RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um tema que vem sendo discutido por diversos profissionais da área de educação e saúde, porém, ainda é um tema atípico perante a sociedade. Apesar das leis que asseguram os direitos dos Autistas, os familiares ainda enfrentam dificuldades para conseguir incluí-los em diferentes áreas. Uma das áreas primordiais é a inserção nas escolas, pois, a socialização dentro das instituições escolares promove o desenvolvimento da aprendizagem de forma significativa. Diante disso, a pesquisa objetivou em descrever os desafios e relevância da psicopedagogia junto à criança autista por meio de uma observação participante que ocorreu no período de outubro e novembro de 2018, em uma instituição escolar municipal na cidade de Campina Grande no estado da Paraíba. A observação participante foi descrita contextualizando com pensamentos teóricos que discutirá os desafios da inclusão escolar de crianças autistas e o papel do psicopedagogo diante desse processo. No estudo foram enfatizadas a partir da observação sugestões para que a inclusão de crianças com TEA aconteça integralmente nas escolas, destacando a importância de intervenções psicopedagógicas para o processo de ensino e aprendizagem de crianças com TEA.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Psicopedagogia. Transtorno do Espectro Autista. Inclusão Escolar.

## ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a topic that has been discussing by professionals in health's and education areas, however is a atypical subject before society. Despite the laws assure autists rights, relatives still face difficulties for to include them in diferente areas. Insertion in school is essential because socialization on this institutions promotes the significate improvement in learning. The study aimed to describe the challenges and relevance of psychopedagogy to the autistic child through a participant observation that occurred in the period of October and November of 2018, in a municipal school in the city of Campina Grande in the state of Paraíba. The participant observation was described contextualizing with theoretical thoughts that will discuss the challenges of the school inclusion of autistic children and the role of the psychopedagogue before this process. The study emphasized from the observation suggestions for the inclusion of children with ASD to happen in schools, highlighting the importance of psychopedagogy interventions for the teaching and learning process of children with ASD.

**Key-words:** Special Education. Psychopedagogy. Autism Spectrum Disorder. School Inclusion.

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.  
E-Mail: [rafaelaformiga1411@gmail.com](mailto:rafaelaformiga1411@gmail.com)

## ÍNDICE DE ABREVIATURA

<b>ABA</b>	Análise Comportamental Aplicada
<b>AMA</b>	Associação de Amigos do Autista
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>CID-10</b>	Código Internacional de Doenças
<b>PECS</b>	Sistema de Comunicação por Troca de Figuras
<b>PEP-R</b>	Perfil Psicoeducacional Revisado
<b>TEA</b>	Transtorno do Espectro Autista
<b>TEACCH</b>	Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficit Relacionados a Comunicação
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. AUTISMO: CONTEXTO E ABORDAGENS .....</b>	<b>12</b>
2.1. INCLUSÃO PEDAGÓGICA .....	16
<b>3. PSICOPEDAGOGIA: CONTEXTO E ATUAÇÃO PSICO INSTITUCIONAL .....</b>	<b>19</b>
<b>4. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE .....</b>	<b>21</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, apesar dos avanços nas pesquisas, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) ainda é pouco conhecido no mundo. O TEA vem cada vez mais está sendo fundamentado através de pesquisas, na tentativa de dar respostas e ajudar a quebrar o tabu ainda existente entre alguns familiares, instituições escolares e sociedade que interage com os Autistas. De acordo com Cunha (2017, p. 20).

Por essas peculiaridades, compreendemos as dificuldades enfrentadas por todos que convivem com autistas, pois, na maioria das vezes as crianças com TEA apresentam comportamentos que não condizem com as ações comportamentais de crianças típicas. Assim, vale salientar que é de extrema necessidade o apoio de profissionais capacitados que ajudem no desenvolvimento educacional e social dessas crianças.

O Autismo vem ganhando espaço de maneira significativa, porém, ainda insuficiente para a necessidade que os sujeitos e seus familiares enfrentam. A Lei n.º 12.764 que entrou em vigor em 27 de dezembro de 2012, trouxe aos Autistas direitos assegurados que remetem a uma vida digna. Em sequência, em 2015 a Lei n.º 13.146 do Estatuto da Pessoa com Deficiência, define o autismo como uma deficiência e garante auxílios em áreas de educação, saúde, assistência social entre outras áreas fundamentais, que promovem a inclusão.

No ambiente escolar, sabemos que os educadores enfrentam dificuldades de aprendizagem de muitos alunos, e as escolas cada vez mais procuram uma forma de intervir no fracasso e na evasão escolar. Uma das formas de ajudar é a presença de um psicopedagogo, pois seu trabalho auxilia os professores e os demais profissionais da instituição escolar na prevenção dos problemas de aprendizagem dos alunos, principalmente quando se trata de crianças com *déficit* ou algum transtorno, como o TEA.

A Psicopedagogia promove uma ampla visão educacional, em que direciona seu olhar para as ações do indivíduo, a fim de compreender as dificuldades encontradas. O psicopedagogo por meio de métodos e técnicas propicia ações psicopedagógicas que pretende solucionar os problemas de aprendizagem, e conseqüentemente da assistência aos pais, professores e profissionais para que juntos consigam desenvolver atividades e intervenções que facilitem o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos Autistas.

O papel do psicopedagogo é relevante para o processo de ensino e aprendizagem da criança Autista, por isso a necessidade de pesquisar e analisar sobre essa problemática. A preferência pelo assunto se dá mediante a compreensão da dificuldade que crianças Autistas e

até mesmo as instituições escolares enfrentam no âmbito escolar, e que por sua vez, o trabalho exercido pelo psicopedagogo ajuda na percepção das necessidades de aprendizagem dos alunos, favorece a integração com toda a comunidade escolar, bem como promove orientações metodológicas de acordo com as características de cada indivíduo.

Diante da perspectiva, o estudo tem como objetivo descrever os desafios e a relevância da psicopedagogia junto a criança autista por meio de uma observação participante. A pesquisa fornece informações teóricas e enfatiza a importância do trabalho psicopedagógico no desenvolvimento educacional da criança autista. Destaca a importância de intervenções pedagógicas e inclusivas necessárias para o fortalecimento de habilidades e competências de crianças com TEA. Assim como, conceitos e contextos históricos do Autismo e da Psicopedagogia são abordados, baseados em teorias de pesquisadores. E por fim, métodos e intervenções psicopedagógicas que auxiliem na aprendizagem e inclusão das crianças autistas.

Em continuidade, foi descrito uma observação participante ocorrida em uma instituição escolar municipal na cidade de Campina Grande-PB nos meses de outubro e novembro de 2018. A observação além de descrever a participação no ambiente escolar enfatizou os desafios no processo de inclusão de autistas e a importância do psicopedagogo nesse processo. E que em consequência foi destacado sugestões com o propósito de alimentar a importância do psicopedagogo frente ao acompanhamento de crianças com TEA.

## **2 AUTISMO: CONTEXTO E ABORDAGENS**

O “TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico que deve estar presente desde a infância, apresentando déficit nas dimensões sociocomunicativa e comportamental” (SCHMIDT, 2013, p. 13). Ou seja, é um transtorno de extrema complexidade, ainda sem causas estabelecidas, mas com grande relevância aos fatores genéticos. Os sintomas são evidentes nos primeiros anos de vida, porém, por apresentar diferentes comportamentos, os diagnósticos passam a ser feitos com o passar dos anos. Brites (2019) afirma que:

O autismo é um transtorno de desenvolvimento que afeta de maneira decisiva e predominante nossa capacidade de percepção social. A percepção social é uma propriedade do cérebro responsável por permitir que consigamos reconhecer, elaborar, antecipar, processar e responder de maneira adequada e harmoniosa a um contexto e/ou um contato social (p. 37).

O Autismo é assegurado na Lei n.º 12.764/12 de 27 de Dezembro de 2012, que estabelece o transtorno como síndrome clínica caracterizada como:

I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento; II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (BRASIL, 2012).

A pessoa com Transtorno do Espectro Autista conforme lei citada acima é considerada para todos os efeitos legais como pessoa com deficiência. Logo, a Lei n.º 13.146 sancionada em 06 de julho de 2015 estabelece ainda mais garantias para os autistas e seus familiares/cuidadores “a buscarem auxílio nas mais diversas áreas da saúde, educação, previdência, trabalho, assistência social, mercado/consumo, tributos, e também no incentivo às pesquisas e à veiculação de informações à população geral” (BRITES, 2019, p. 167).

O termo Autismo foi estabelecido em 1911 pelo psiquiatra Suíço Paul Eugen Bleuler, na tentativa de descrever a realidade dos pacientes com laudos de esquizofrenia. Mais tarde, especificamente no ano de 1943, o médico psiquiatra Leo Kanner foi o primeiro a publicar pesquisas ligadas ao Autismo. Em suas pesquisas, “constatou uma nova síndrome na psiquiatria infantil denominada, a princípio, de distúrbio autístico do contato afetivo” (CUNHA, 2017, p. 20-21).

Com o passar dos anos, os casos de Autismo foram aumentando e profissionais e estudiosos passaram a tentar entender os comportamentos e como lidar com eles. Entre os pesquisadores, o médico pediatra austríaco Hans Asperger, se destacou por publicar na Alemanha sua tese que enfatizava características semelhantes aos sintomas descritos por Kanner. Porém, destacou que as crianças estudadas por ele, apresentavam uma elevada inteligência, ou seja, apresentavam habilidades raras diante dos demais.

Asperger batizou de Psicopatia Autista, mas logo, foi adotada pelo seu nome e passou a ser chamado de Síndrome de Asperger. As pessoas com a Síndrome de Asperger,

normalmente possuem aptidões matemáticas e excelente memória para guardar datas e números, desenvolvendo também obsessões compulsivas. [...] Por não apresentarem deficiência mental ou problemas na fala, essas crianças, adolescentes e adultos podem levar uma vida com qualidade, mesmo com alguma perda na área socioafetiva (CUNHA, 2017, p. 22).

Por esta questão que o autor enfatiza que a Síndrome de Asperger é vista por muitos como autistas de elevado funcionamento. E como destacado anteriormente os sintomas do Autismo surge nos primeiros anos de vida, fase em que a criança está no processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. As manifestações mais comuns são as dificuldades de comunicação, socialização, imaginação e afetividade. Porém, essas características variam de acordo com a idade de cada indivíduo e níveis de desenvolvimento. Segundo as autoras Santos e Vieira (2017):

O déficit na comunicação/linguagem pode ser encontrado com a ausência ou atraso do desenvolvimento da linguagem oral. Já o déficit na interação social é recorrente ao autismo, tendo em vista a falta de reciprocidade, a dificuldade na socialização e o comprometimento do contato com o próximo. E outro fator perceptível no autista é o déficit comportamental, onde se encaixa a necessidade do autista em estabelecer uma rotina, além dos movimentos repetitivos e as estereotípias, presentes na maioria dos casos (p. 221).

O diagnóstico do TEA é realizado por médicos especialistas que através de avaliações clínicas investigam se o indivíduo apresenta algum tipo de dificuldade em seu desenvolvimento. Geralmente o laudo não é conclusivo nos primeiros meses de vida, só a partir dos dois ou três anos que os especialistas conseguem dar um diagnóstico completo e identificar que nível de dificuldade/necessidade o Autista contempla, seja ele de grau leve, moderado ou severo.

Entretanto, é de extrema importância o diagnóstico ocorrer de forma precoce para que os tratamentos e intervenções educacionais ocorram mais rápidos possíveis, e consigam de maneira satisfatória grandes avanços na aprendizagem. Dentre os métodos trabalhados e desenvolvidos com crianças autistas, Mello (2007) destaca três como os mais envolvidos nas intervenções: o Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficit Relacionados a Comunicação (TEACCH); a Análise Comportamental Aplicada (ABA); e o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS).

O Método TEACCH, segundo o guia prático da Associação de Amigos do Autista (AMA), foi desenvolvido nos Estados Unidos na Faculdade de Medicina do Carolina do Norte pelo Dr. Eric Schoppler no Departamento de Psiquiatria, e hoje em dia é bastante utilizado pelo mundo todo. Para avaliação de crianças, o método TEACCH avalia pelo Perfil Psicoeducacional Revisado (PEP-R), que considera de forma individualizada as fragilidades e habilidades das crianças. O TEACCH trabalha,

[...] na organização do ambiente físico através de rotinas - organizadas em quadros, painéis ou agendas - e sistemas de trabalho, de forma a adaptar o ambiente para tornar mais fácil para a criança compreendê-lo, assim como compreender o que se espera dela. Através da organização do ambiente e das tarefas da criança, o TEACCH visa desenvolver a independência da criança de modo que ela necessite do professor para o aprendizado, mas que possa também passar grande parte de seu tempo ocupando-se de forma independente (MELLO, 2007, p. 36).

O TEACCH também auxilia no planejamento e desenvolvimento da prática pedagógica, “nos quesitos tempo, duração e material, na previsibilidade e nas rotinas organizadas em quadros, painéis ou agendas, enaltecendo as características dos princípios metodológicos dirigidos ao aprendizado do aluno autista” (ARAÚJO, 2015, p. 8). Ou seja, programa e organiza atividades de forma sistematizadas. Segundo Araújo (2015):

Na terapêutica psicopedagógica, trabalha-se concomitantemente a linguagem receptiva e a expressiva. São utilizados estímulos visuais (fotos, figuras, cartões), estímulos corporais (apontar, gestos, movimentos corporais) e estímulos audiocinestésico-visuais (som, palavra, movimentos associados às fotos) para buscar a linguagem oral ou uma comunicação alternativa. Por meio de cartões com fotos, desenhos, símbolos, palavra escrita ou objetos concretos em seqüência (potes, legos etc.), indicam-se visualmente as atividades que serão desenvolvidas naquele dia na escola (p. 9).

Apesar do TEACCH se mostrar um método eficaz, ainda recebe críticas com relação a sua utilização. Porém é perceptível que a criança Autista que trabalha com o método de maneira eficaz, consegue adquirir e desenvolver habilidades altamente significativas em relação a análise realizada anteriormente o método TEACCH.

Já o ABA segundo Rodrigues (2017, p. 1) “é uma abordagem da psicologia que é usada para a compreensão do comportamento e vem sendo amplamente utilizada no atendimento a pessoas com autismo”. O método trabalha com a finalidade de analisar de maneira detalhada a relação de ensino e aprendizagem de crianças autistas, trabalhando as habilidades por etapas, sejam elas positivas ou negativas. As habilidades são ensinadas por estruturas individuais, associadas e instruídas por pessoas e profissionais capacitados. Ressaltando, que sempre que necessário é inevitável o apoio das pessoas que estão instruindo-os, mas logo após, deve ser retirado para que não haja certa comodidade da criança.

O processo de ensino e aprendizagem deve ocorrer de maneira mais agradável possível. No ABA, “a criança é levada a trabalhar de forma positiva, para que não ocorram os comportamentos indesejados. A repetição é um ponto importante neste tipo de abordagem, assim como o registro exaustivo de todas as tentativas e seus resultados” (MELLO, 2007, p.

37). Assim, passará a identificar seus próprios estímulos e conseqüentemente aprendendo e se relacionando com o meio em que está inserida.

Assim como o método TEACCH, o ABA também é criticada por promover uma suposta forma de robotização nas crianças, porém sabemos que não funciona bem assim, ambos têm um método eficaz de trabalho que ajudam no desenvolvimento de aprendizagem dos Autistas. Especificamente o ABA, trabalha as potencialidades dos alunos no intuito estimular a autonomia para que consigam realizar atividades básicas e fundamentais do nosso cotidiano.

E por fim o método PECS, que foi criado no intuito de auxiliar os indivíduos com TEA e outros *déficits* nas dificuldades de comunicação. A intervenção com o PECS ajuda o Autista a compreender que através da comunicação eles conseguiram o que desejam. Diferentes dos métodos ABA e TEACCH, o PECS não necessita de materiais caros e complexos, eles são fáceis de ser produzidos e aplicados, e podem ser feitos por profissionais, educadores e até mesmo os familiares.

Geralmente, o PECS trabalha com objetos/figuras de troca que atraem a comunicação com ajuda de reforços positivos, ajudam na espontaneidade, na compreensão de distância entre duas pessoas, na discriminação entre o objeto e a figura, na construção de frases através de figuras e também instrui a darem respostas sobre o que desejam, escutam e vêem. O Sistema de Comunicação por Trocas de Figuras é bem aceito em todo o mundo, por apresentar desenvolvimentos significativos e ser um método de ensino de baixo custo e de fácil acesso.

A “[...] aprendizagem dos alunos é uma das metas fundamentais, não só dos professores, mas de todo o profissional que esteja implicado com a educação e, sem dúvida, uma prática pedagógica adequada é necessária para alcançá-la” (BRASIL, 2005, p. 9). Partindo desse contexto, a seguir iremos discutir a importância da inclusão pedagógica, uma vez que, “[...] a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral” (MANTOAN, 2003, p. 16).

## 2.1. INCLUSÃO ESCOLAR

A inclusão escolar é de extrema relevância no processo de aprendizagem de crianças autistas. Nesse cenário, para que a inclusão escolar aconteça de maneira satisfatória, faz-se necessário que instituições escolares estejam preparadas ou adaptem-se para promover

“oportunidades iguais para todos e estratégias diferentes para cada um, de modo que todos possam desenvolver seu potencial” (NOVA ESCOLA, 2018, p. 1). Assim como, deve incentivar a formação continuada de professores e educadores envolvidos para saber lidar com os desafios.

A autora Camargo (2017) compreende a inclusão com “um paradigma que se aplica aos mais variados espaços físicos e simbólicos. Os grupos de pessoas, nos contextos inclusivos, têm suas características idiossincráticas reconhecidas e valorizadas”. Neste contexto, as “escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades” (MANTOAN, 2003, p. 16).

Sabemos que boa parte das escolas ao receberem alunos autistas, se deparam com a necessidade para acolher essas crianças, entretanto, muitas não estão preparadas para recebê-los. Segundo Merlleti (2018, p. 149), a escola e os professores deixam de lado as estratégias de ensino e submetem apenas a necessidade do diagnóstico (laudo médico), destacando as medicações, reabilitações e treinamentos comportamentais como as únicas soluções para os autistas. A autora ainda destaca que,

Muitos educadores acreditam, então, que eles não têm muito o que fazer por esses alunos e que incluir em sala de aula, por força de seus direitos e com um laudo médico que o ateste, torna-se uma obrigação imposta pelo Estado e sob pressão das famílias, sentindo-se impotentes e sem os aportes educacionais que submetem e legitimem sua prática e seu saber docente (p. 149).

Como já enfatizado a escola e os educadores precisam estar capacitados e preparados para receber essas crianças. A estrutura física das instituições também são essenciais para o acolhimento para a execução de atividades pedagógicas e lúdicas que ajudam no processo de ensino e aprendizagem. Mas, destacamos antes de tudo, que o processo educacional deve ser visto de maneira individualizada, ou seja, de acordo com as potencialidade e limitações de cada criança autista. Assim, Brites (2019) afirma que:

Deve-se primeiramente avaliar quais as maiores restrições que apresenta nas áreas de habilidades cognitivas e linguísticas, no comportamento emocional, nas habilidades sociais e na capacidade física e de autocuidado. A participação dos pais é imprescindível, pois eles conhecem cada detalhe da vida do aluno e podem revelar dados que serão levados em conta para construir cada passo [...]. (p. 149).

A socialização de crianças com TEA é imprescindível, elas precisam se sentir pertencentes no meio social, para que possam conviver em todos os meios sociais,

principalmente na escola. Mas sabemos que a aceitação dos familiares/cuidadores nem sempre acontece de forma positiva. É necessário que a cooperação aconteça de maneira contínua, antes mesmo da inserção da criança na escola, como também, no processo de aprendizagem ao decorrer das aulas. Assim, a criança autista se sente acolhida socialmente e emocionalmente no ambiente escolar e começa a se adaptar e gostar das intervenções pedagógicas desenvolvidas ao decorrer do processo educacional.

Além, da participação ativa dos familiares/cuidadores, a “equipe da escola deve estar preparada e capacitada para auxiliar e ajudar a intervir nessas alterações ao lado das famílias” (BRITES, 2019, p. 151). A aliança entre família/cuidadores e escola atinge etapas pré-estabelecidas e conseqüentemente buscam novas etapas para serem alcançadas. Deste modo, ainda que o autista não consiga atingir as etapas de aprendizagem, a criança estará interagindo e trabalhando a comunicação de maneira inclusiva.

Como mencionado anteriormente os autistas apresentam comportamentos atípicos, ainda assim, é preciso “reconhecer que qualquer pessoa, com deficiência ou não, precisa ser vista como um ser capaz, com direitos a saúde, educação e principalmente, a sua integridade, seja ela física ou moral” (SANTOS e VIEIRA, 2017, p. 225). E é diante dessa conjuntura que as instituições escolares e toda equipe multidisciplinar precisam reconhecer as especificidades de cada aluno para intervir no processo de aprendizagem de forma inclusiva e respeitosa.

No ambiente escolar a psicopedagogia contribui significativamente para o processo de inclusão, pois sua função segundo Krug (2014) “é observar e avaliar o que acontece na escola, [...] com a intenção de realizar um levantamento das metodologias e práticas pedagógicas [...]”. E dando continuidade ao raciocínio a autora Takeda complementa que o papel do psicopedagogo é,

[...] acompanhar e orientar o processo de ensino e aprendizagem, de forma a promover aquisição dos conteúdos acadêmicos, respeitando o repertório de habilidades que o indivíduo já possui e adaptar o material acadêmico, quando necessário, orientando os profissionais que estão envolvidos na comunidades escolar (2015, p. 1).

Na escola, o psicopedagogo instrui os educadores a “valorizar todo o conhecimento que essa criança traz do seu mundo, considerando suas experiências, aprendendo com ela, respeitando suas limitações e favorecendo uma relação de confiança e prazer” (PARIS, 2015, p. 1). No âmbito da inclusão pedagógica é necessário também que a equipe escolar adapte o currículo de forma sistemática e individual respeitando as habilidades e dificuldades do

autista. Considerando este tema central para o presente estudo, o mesmo será melhor discutido a seguir.

### **3 PSICOPEDAGOGIA: CONTEXTO E ATUAÇÃO INSTITUCIONAL**

O profissional psicopedagogo surgiu na Europa por volta do século XIX, diante da necessidade de compreender o processo de ensino e aprendizagem, passando a ser uma área de estudo que possibilita observar o desenvolvimento da aprendizagem dos indivíduos, tendo como objetivo identificar as dificuldades que afetam esse processo. Ao apontar as dificuldades existentes no indivíduo a psicopedagogia busca construir métodos a fim de evitar, tratar e até mesmo curar.

A psicopedagogia no Brasil só chega por volta de 1970, devido a forte influência literária da Europa, dando início a cursos profissionalizantes na área, bem como oportunidade para profissionais se especializarem no processo de aprendizagem. Entretanto, segundo o Portal Educação, a estruturação da Psicopedagogia no Brasil começou desde a década de 60 baseada em pesquisas de autores brasileiros. Porém a preocupação da época estava centrada nos problemas de aprendizagem, sem levar em contas diversos fatores que contribuem para as dificuldades de aprendizado.

A Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) foi fundada em 12 de novembro de 1980 com o propósito de conduzir profissionais Psicopedagogos no que se refere às normas e princípios quanto profissional. O art. 1º do código de ética da ABPp (2011), destaca que a Psicopedagogia é um campo de atuação em Educação e Saúde que se ocupa do processo de aprendizagem considerando o sujeito, a família, a escola, a sociedade e o contexto sócio-histórico, utilizando procedimentos próprios, fundamentados em diferentes referenciais teóricos. Ou seja, a psicopedagogia deve considerar o sujeito e o contexto em que ele está inserido.

A “[...] psicopedagogia busca compreender como ocorre os processos de aquisição do saber e entender as possíveis dificuldades que o aluno encontra nesse processo” (CUNHA, 2017, p. 104-105). Por este motivo, que o psicopedagogo procura conhecimentos também nas áreas de neurologia, psicologia, psicomotricidade, entre outras que ajudaram a compreender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem do indivíduo. Mas, também,

É preciso levar em consideração que o psicopedagogo em sua função pode estar desenvolvendo trabalhos hospitalares, clínicos, escolares e também, empresariais, trabalhando com observação, terapias, tratamentos clínicos, e orientando

professores, onde seu foco principal é a aprendizagem do ser humano (DELABETH; DA COSTA, 2014, p. 3).

No ambiente escolar, o psicopedagogo procura intervir junto ao professor, diretor, coordenador e técnicos, possibilitando uma aprendizagem enriquecedora, pois,

[...] não visa estabelecer conceitos teóricos, mas possibilita novas formas de ver a educação, onde se observa mais os movimentos do aluno diante da tarefa do que a tarefa em si. Não é a simples aplicação da Psicologia à Pedagogia, mas uma nova área de estudos que não se detém unicamente nas dificuldades de aprendizagem, mas propõe sobre elas alternativas. (CUNHA, 2017, p. 104).

Por isso, é de extrema importância a escola possuir uma equipe de técnicos e professores qualificados para que com auxílio de um psicopedagogo possam intervir e produzir métodos adequados para ajudar no processo educacional dos alunos.

O psicopedagogo institucional tem como objetivo central identificar as dificuldades e potencialidades presentes nas escolas, para que, possa interceder no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, e assim, conseguir enfrentar as dificuldades e diminuir o fracasso escolar. Todavia, é preciso saber que o real papel do psicopedagogo institucional é intervir de maneira psicopedagógica e conjunta com os professores e o todo o quadro técnico educacional, e não simplesmente determinar regras.

“No mundo atual, os avanços tecnológicos e a complexidade da vida colocam para a escola o desafio de criar conhecimento, propiciar o processo de circulação, de armazenamento e de transmissão desse conhecimento.” (BOSSA, 2008, p. 19). Diante disso, no relatório de comissão internacional da UNESCO (2010), a educação deve ser refletida sobre quatro conhecimentos fundamentais: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver; e aprender a ser, ou seja, é preciso que a educação promova a formação numa conjuntura social e individual para que com isso a escola atue focada no desenvolvimento de potencialidades e capacidades dos alunos.

Tendo em vista, que o primeiro contato da criança ao nascer é com a família e o meio social a que se encontra, podemos dizer que o processo educacional da criança começa primeiramente pela família partindo para o meio cultural e em seguida na escola. “A atuação do psicopedagogo com a família, ao começar pelo diagnóstico ou pela avaliação, já compreende uma intervenção na dinâmica do lar” (CUNHA, 2017, p. 88). Desta forma, o processo de ensino de cada criança necessita de psicopedagogos qualificados e atentos aos eixos familiares, ou seja, quais as expectativas e objetivos os pais ou responsáveis pensam a respeito do desenvolvimento dos seus filhos, para que com isso chegue a um diagnóstico.

O papel desempenhado pela família é muito importante para a formação do indivíduo, porém os pais ao se depararem com a criança que possui dificuldades, tais como: desinteresse nas disciplinas e falta de atenção passam a não querer enxergar a situação, uma vez que, o carinho e a atenção a criança são altamente relevantes para seu desenvolvimento. Com isso, o psicopedagogo busca trabalhar esses aspectos, com ajuda da família para que as crianças obtenham um melhor rendimento intelectual.

O trabalho realizado pelo psicopedagogo é um processo constante, podendo ser revisado de maneira investigadora e até mesmo de modo que possa ser interrompido. A postura investigadora do profissional percorre todo o ofício, através da observação e acompanhamentos diante do desenvolvimento do sujeito. Assim, podemos compreender o quanto o trabalho do psicopedagogo é importante dentro da instituição escolar, bem como no desenvolvimento da criança com TEA, pois sua intervenção busca melhorar o desempenho das crianças e desenvolver uma educação de qualidade a partir de cada dificuldade encontrada. Segundo Paris (2015, p. 1):

O papel do psicopedagogo diante do diagnóstico de autismo é de tentar preparar ou remediar a falta de conhecimento familiar e educacional e contribuir na aquisição da aprendizagem, no desenvolvimento da autoestima e na formação da personalidade humana. Ajudando a criança autista a se sentir pertencente e inserida no contexto escolar, integrada na família e na sociedade [...].

Para que o desenvolvimento da aprendizagem de criança com TEA aconteça, é preciso que o psicopedagogo institucional junto com professores e equipe da escola compreendam que, “o aluno com autismo é também um aprendiz que elabora suas ideias, ordena suas ações, fazendo sincronização entre funcionamento psíquico e a capacidade motora” (CUNHA, 2017, p. 110-111). Portanto, é imprescindível que o psicopedagogo não leve em conta as dificuldades e habilidades de cada autista, para que através de estímulos consiga atingir capacidades que os permitam interagir com o meio social.

Em seguida, o próximo tópico irá abordar o relato de experiência com o propósito de contextualizar e descrever a observação que motivou a pesquisa e o aprofundamento acerca do processo educacional de crianças autista e o papel do psicopedagogo institucional.

#### **4 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE**

“Na observação participante, tem-se a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto, contrapondo-se ao princípio de isolamento no qual fomos formados” (QUEIROZ *et al.*, 2007,

p. 278). E é nessa perspectiva de união que o estudo foi baseado em uma observação participante ocorrida nos meses de outubro e novembro de 2018 em uma escola municipal de Campina Grande na Paraíba.

Para a realização desta pesquisa de maneira exploratória e descritiva foi levado em consideração a percepção acerca do TEA e a importância da Psicopedagogia junto a criança autista. Foi utilizada a pesquisa observacional e bibliográfica, por ser um estudo de observação, estruturado e desenvolvido com base em pesquisas e materiais publicados em revistas, livros e internet. Considerando que foram realizadas na área e tema de estudo, a percepção de diversos autores que embasaram a parte conceitual deste trabalho.

O método de abordagem estabelecido foi o Qualitativo, pois “[...] ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (GODOY, 1995, p.21). Neste cenário, diante da abordagem da observação participante, foi feito uma análise e interpretação acerca dos blocos de idéias destacadas a seguir.

A observação participante ocorreu nos meses de outubro e novembro de 2018, em uma instituição escolar municipal na cidade de Campina Grande na Paraíba. No primeiro dia de observação, me apresentei a gestora e coordenadora da instituição e tive o prazer de conversar a respeito da estrutura organizacional, equipe pedagógica e técnica, currículo e as práticas educativas, entre outros assuntos que compõe o sistema escolar, pois ambas se mostraram atenciosas.

Em seguida, a gestora me acompanhou para conhecer a estrutura física e pedagógica da escola e enquanto isso foi relatando que a escola tinha em torno 600 (seiscentos) alunos, distribuídos em 24 (vinte e quatro) turmas, funcionando da pré-escola ao 5º ano do Ensino Fundamental, ambos no turno da manhã e tarde. Quanto à equipe institucional e pedagógica, era formada por 15 (quinze) funcionários, já o quadro docente era composto por aproximadamente 30 (trinta) educadores, todos com formação (graduação, especialização e/ou mestrado). A instituição também ofertava cursos de formação que serão brevemente discutidos.

No segundo e terceiro dia na escola, fui apresentada aos educadores e alunado e logo pude realizar minha observação participante em algumas turmas do Ensino Fundamental I (séries iniciais). Ao decorrer tive a oportunidade de interagir com os alunos, professores, gestores, psicopedagogos, técnicos, entre outros membros que compõem o quadro da instituição. A minha interação com os educandos e todo o quadro técnico ocorreu em um período curto de dois meses, mas através de conversas e observações conseguir compreender

melhor como ocorre o processo educacional da instituição observada. Ênfase ainda na minha participação a interação prazerosa com algumas crianças autistas do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental I (séries iniciais), que me fascinaram e direcionaram para que a pesquisa ocorresse.

A partir do quarto dia de observação passei a permanecer e observar as aulas do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental, intercalando as séries em dias, e assim, comecei a compreender como funcionava o processo de ensino e aprendizagem da instituição, como os educadores desenvolviam as práticas pedagógicas em cada série e como funcionavam as adaptações curriculares para os alunos com TEA. E entre uma aula e outra também pude entender melhor como funcionava as intervenções psicopedagógicas instruídas pelo profissional psicopedagogo da instituição.

A observação foi significativa e prazerosa, pois como futura Licenciada em Pedagogia, me marcou e me ajudou no aprofundamento dos conhecimentos acerca da educação e despertou ainda mais o interesse em estudos sobre o Autismo e a Psicopedagogia, como também me fez compreender o processo de ensino e aprendizagem de crianças com TEA, as especificidades de cada sujeito, as intervenções e os desafios enfrentados no processo de inclusão.

Diante da observação participante e em sala de aula que pude compreender os desafios que são enfrentados todos os dias para que a inclusão escolar de alunos autistas ocorra. Desta forma, a seguir irei abordar dois blocos de idéias que me tocaram profundamente e despertaram a vontade de descrevê-los e discuti-los: o primeiro bloco aborda os desafios no processo de inclusão de autistas, e o segundo bloco discute a importância do papel do psicopedagogo no processo de inclusão de crianças autistas.

*“A observação participante junto a crianças com TEA despertou em mim uma paixão, e me fez compreender carinhosamente a especificidade de cada sujeito, assim como, a importância dos educadores e de todo o contexto escolar no processo de desenvolvimento da aprendizagem desses alunos”.*

## **Desafios no Processo de Inclusão de Autistas**

No decorrer das observações, foi perceptível que a tentativa de inclusão de autistas nas escolas percorre desafios que precisam ser enfrentados todos os dias. Segundo as informações fornecida pela gestora da instituição observada, 10% do seu alunado são crianças com necessidades especiais, porém apenas 30 crianças possuem laudos médicos, e as demais apresentam apenas suposições que acabam dificultando assim as intervenções necessárias. A supervisora enfatizou a questão dos laudos médicos como um dos problemas principais enfrentados pela instituição, pois afirma que a falta de laudo compromete a avaliação e o processo de aprendizagem, e um dos motivos da falta de laudos é a não cooperação entre agentes da saúde e da educação.

Em busca de suprir as necessidades apontadas, a escola criava projetos de intervenção próprios, em que promovia momentos de sensibilização com os familiares/cuidadores e educadores na tentativa de promover juntos um trabalho efetivo e eficiente e minimizar o fracasso escolar. Mas, ressaltou primeiramente que “se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças” (MANTOAN, 2003, p. 14). Ou seja, as escolas precisam ser ambientes inclusivos.

Inclusivo não somente em razão dos recursos pedagógicos, mas também pelas qualidades humanas. Apesar de um espaço atraente e adequado para a instrução escolar ser uma necessidade elementar na educação, não raramente, deparamos com escolas sem o devido preparo nesse requisito (CUNHA, 2017, p. 100).

A inclusão está além de ser uma questão de inserção da criança no ambiente escolar. Mas, é preciso que as escolas estejam preparadas para acolher seus alunos de forma natural, ou seja, estejam estruturadas fisicamente e organizacionalmente, sejam capazes de realizar entrevistas com familiares/cuidadores, capacitar professores e educadores (formação continuada), conter materiais didáticos e um currículo adaptado de acordo com as necessidades de cada criança autista, entre outras questões que favoreçam o desenvolvimento da aprendizagem e a socialização.

“A socialização trata-se de um processo de interação, fundamental para o desenvolvimento, pois é através desta que assimilará uma cultura, dando início ao seu nascimento e percorrendo ao longo de sua vida, [...] que influencia na construção de sujeito”. (CARUCA, 2018, p. 162). Partindo dessa concepção de socialização que enfatizo a necessidade de integrar as crianças autistas no ambiente escolar para que elas se sintam seguras, pertencentes e funcionais no meio em que elas estão inseridas. E ressaltou que como

educadores precisamos agregar um vínculo afetivo e libertador com essas crianças, tratem os com carinho, atenção e acima de tudo respeito.

O processo de inclusão escolar de crianças autistas traz consigo diversas indagações que poderiam ser brevemente abordadas. Mas diante da experiência irei enfatizar a seguir dois desafios que tocou a partir da observação e se mostraram necessários para serem discutidos. Um dos pontos é a importância da formação continuada de professores e o outro é essencialidade de adaptar o currículo para que as práticas pedagógicas supram as necessidades dos alunos.

- **Formação de Professores**

Sabemos que a formação inicial do professor é essencial, mas, além disso, é preciso que os educadores estejam sempre ativos e atualizados, busquem especializações e formações que os capacitem no processo de ensino e aprendizagem, e melhor que isso exerça suas funções educacionais com amor, com prazer e dedicação. Outro ponto chave é a estimulação das instituições acerca da formação, ou seja, é necessário que as instituições promovam oportunidades de formações continuadas para seus educadores, sejam eles professores, técnicos, coordenadores e gestores.

A instituição municipal oferece cursos de formação continuada para os educadores, que são disponibilizados pela Secretaria de Educação na cidade, mas esses cursos não são suficientes para as necessidades que os educadores enfrentam no dia a dia. Então, a própria instituição seguindo seu calendário, realiza encontros que acontecem geralmente uma vez na semana na própria instituição ou em instituições parceiras. Conforme destacado anteriormente o público de alunos especiais são em torno de 10 % de todo o alunado, porém, apenas aproximadamente 30 crianças possuem laudos médicos, recebendo assim, o direito à aprendizagem de forma especializada, enquanto os demais não possuem laudos, o que acaba dificultando o trabalho de intervenção.

A falta de laudos médicos é também uma das maiores dificuldades enfrentadas pela instituição de ensino, pois, segundo Brites (2019):

É ele que atesta o diagnóstico e traz em seu conteúdo informações que ajudam a direcionar uma melhor compreensão do que é o autismo e assegurar os direitos de seus portadores. O laudo deve ter o nome da pessoa com o diagnóstico e o CID-10 (Código Internacional de Doenças). Deve-se fazer um comentário resumido do quadro da criança, ressaltando seus maiores prejuízos. Deve-se mencionar os profissionais necessários para as intervenções terapêuticas e especificar as terapias mais indicadas para cada caso e as frequências. Além disso, deve-se indicar a

escolarização o mais precoce possível e descrever recomendações à escola (p. 170-171).

Tendo em vista que a instituição observada dispõe de ofertas de formação continuada, acredito que se faz necessário destacar que, estas formações devem estar atentas às práticas pedagógicas que são trabalhadas com os alunos autistas, a partir da vivência, levando em conta o contexto social de cada criança, suas habilidades e dificuldades para que as adaptações curriculares aconteçam no dia a dia das aulas de acordo com cada necessidade. Assim, é possível que com ajuda de um psicopedagogo o professor consiga se capacitar para promover a inclusão social e o desenvolvimento da aprendizagem desses alunos.

Recordo-me de uma aula no 3º ano do Ensino Fundamental I (séries iniciais) em que a turma era composta por 20 (vinte) alunos, dentre eles 3 (três) autistas. As adaptações eram programadas semanalmente no intuito de adaptá-las de acordo com a necessidade dos alunos. Porém me deparei com dificuldade de integração dessas crianças autistas com as demais crianças. Ou seja, algumas intervenções na aula não estavam sendo socializadas entre eles e dois dos autistas indagaram por algumas vezes dispostos a participar da aula, respondendo as perguntas. E esse acontecimento me marcou, pois, eu não venho aqui questionar o papel do “professor” naquele momento e sim enaltecer a valorização de um planejamento constante das práticas pedagógicas, assim como, projetos de formações mais efetivos dentro das escolas como forma de fortalecer no professor a importância de lidar com os alunos de forma afetiva, compreensiva e estimulante.

A formação continuada possibilita o aperfeiçoamento educacional dos professores. E esse aperfeiçoamento parte de uma construção de conhecimento importante para o exercício da função de educador. Os professores ao ensinarem se tornam “[...] capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela” (FREIRE, 2014, p. 75). Assim, o professor exerce uma função que não é neutra, precisa ser compreendida e compartilhada. Os professores precisam reconhecer que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2014, p. 25). E dando continuidade a discussão dos desafios enfrentados para que a inclusão de autistas ocorra, abordarei as práticas pedagógicas a seguir.

- **Prática Pedagógica - adaptações curriculares**

As práticas pedagógicas estão o tempo todo sendo discutidas por familiares, educadores e pesquisadores, principalmente quando enfatizam práticas pedagógicas para o desenvolvimento de crianças autistas e/ou outros transtornos. Por isso, cada vez mais ressaltamos a necessidade de planejar, revisar e desenvolver essas práticas de acordo com cada aluno e contexto escolar. E para que isso ocorra, o currículo também deve ser revisado para que consigam atingir êxito e uma educação de qualidade.

Em observação foi visto que quase todo o corpo docente trabalha com planejamentos semanais. Isso é ao meu vê é um ponto positivo para o desenvolvimento educacional, pois, um currículo adaptado e planejado a partir das necessidades dos alunos contribui de maneira eficaz para o desenvolvimento de habilidades de cada criança. Mas, além disso, resalto a atenção diante das avaliações, pois cadê aos educadores avaliar frequentemente cada aluno de acordo com as especificidades e as intervenções que os são estabelecidas.

Na instituição a supervisão fornece uma planilha com os conteúdos que devem ser trabalhados e os professores precisam adaptá-los e aplicá-los ao decorrer da semana. O município também dispõe de um planejamento, o mesmo ocorre de forma esporádica, em que é realizado a partir de visitas às escolas para análise e avaliação do planejamento desenvolvido pelo corpo docente. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é utilizada como instrumento para a elaboração dos planejamentos, visto que, os conteúdos propostos pelos docentes e, autorizados pela gestão, devem estar de acordo com os parâmetros da BNCC.

A instituição escolar municipal se mostrou bastante atenta aos planejamentos semanais de forma geral, o que até traz um rendimento satisfatório. Porém um ponto que me marcou e precisa ser apontado é que as adaptações curriculares direcionadas aos autistas devem ser vistas com mais ênfases. Pois ao decorrer das aulas observadas, me deparei com intervenções que não estavam sendo coerentes com as necessidades dos alunos, o que acarretou ausência na sala, falta de interesse, desentendimentos com as crianças típicas, entre outros comportamentos que fez com que eu compreendesse que as intervenções precisavam ser ressignificadas e planejadas para que os alunos se sintam motivados a aprender. E percorrendo o contexto da observação irei discutir a importância do papel do psicopedagogo institucional no processo educacional.

### **Importância do papel do Psicopedagogo**

O psicopedagogo institucional como já enfatizado ao decorrer do trabalho exerce um papel de grande valia nas instituições escolares, uma vez que, suas intervenções são baseadas em investigações e procuram ser desenvolvidas de acordo o contexto escolar e as necessidades dos alunos, familiares, professores e da escola como um todo. Cunha (2017) afirma que:

a Psicopedagogia não trabalha sozinha. É pertinente uma equipe de profissionais focados não somente nos problemas de aprendizagens mas também nas soluções, nos caminhos e nas alternativas. Pessoas que sejam afetivamente esperançosas e que creiam no seu trabalho e no discente (p. 107).

O psicopedagogo institucional deve promover a aprendizagem de forma consciente, “considerando a necessidade de preparar os estudantes para e na sociedade com base nos impasses que podem aparecer durante tal processo, e buscando identificá-los e solucioná-los para levar os educandos a desenvolver suas habilidades de modo efetivo” (TIRADENTES; RIBEIRO, 2017, p. 60).

Na observação participante como dito anteriormente também tive a oportunidade de observar o trabalho do psicopedagogo institucional, como funciona, quais as intervenções que o profissional realiza e de que maneira ele ajuda no processo de ensino e aprendizagem de crianças autistas. A psicopedagogia sempre me chamou atenção ao decorrer do período acadêmico, mas foi na experiência em estágios e nessa observação participante que pude compreender melhor sua importância. O trabalho de intervenção que o psicopedagogo realizou na instituição me deixou encantada e motivada para discutir sobre suas relevâncias e desafios frente à criança autista.

#### **- Apoio do psicopedagogo a formação continuada de professores**

Ao decorrer da observação, destaquei a importância do apoio do psicopedagogo na formação continuada dos professores. Visto que diante da observação me chamou bastante atenção, a posição dos professores perante os comportamentos e indagações dos autistas, e também os desentendimentos das crianças típicas com as crianças com TEA. Diante disso, o profissional psicopedagogo estava sempre presente para tentar auxiliar o professor de maneira satisfatória. Assim, é importante destacar que o psicopedagogo através de conversas e

reuniões deve tentar intervir e facilitar o entendimento do professor sobre a importância de estudar sobre o TEA e se capacitar. Só assim conseguiram,

compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso, ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. afinal o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, “interpretado”, “escrito” e “reescrito” (FREIRE, 2014, p. 95).

Os professores ao compreenderem os comportamentos de cada criança com TEA facilitaram o processo de ensino e aprendizagem, bem como, ajudarão na integração desses estudantes com os alunos típicos, para que estes saibam respeitar as limitações de quem tem autismo e favorecer sua presença na escola, interagindo com eles, “protegendo-os de momentos socialmente críticos, desenvolvendo empatia e criando uma nova cultura” (BRITES, 2019, p. 137).

Compreendi também que alguns comportamentos em sala de aula citados acima também são reflexo da falta de inclusão social, um direito de todos, e que precisa estar interiorizado no processo de ensino muito antes mesmo da criança entrar na escola. O psicopedagogo que atuava na instituição estava sempre presente e atento as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores. Sempre que necessário se mostrou frente às discussões e dificuldades dos professores. E como forma de ajudar no processo educacional, o psicopedagogo procurava compreender através de investigações os problemas para que pudesse planejar intervenções adequadas.

Segundo Brites (2019, p. 143) a inclusão social é aquela que ao se depararem com o problema buscam de forma imediata ações que facilitam o desenvolvimento e minimizam futuras limitações dos alunos. Por isso, faz-se necessário o apoio de um profissional psicopedagogo no processo de formação continuada de professores, auxiliando e possibilitando um novo jeito de enxergar a educação de crianças com TEA.

#### **- Apoio do psicopedagogo às adaptações curriculares**

O apoio do psicopedagogo às adaptações curriculares partiu da necessidade que os professores sentiam ao decorrer das aulas. Pois na instituição foi perceptível que a maioria dos professores possuem domínio de sala e tentam tratar cada aluno de maneira diferenciada, buscando ao máximo responder a todos as dificuldades e questionamentos apresentados pelos educandos. Mas também por muitas vezes se viam um pouco perdidos com relação às práticas

pedagógicas estabelecidas nos próprios planejamentos, principalmente nos casos de alunos autistas.

Os professores tentavam incluir todos os alunos na discussão e nas atividades, fazendo com que todos acompanhassem a aula e participassem da mesma. Mas sempre que uma criança autista não conseguia interagir ou até mesmo participar ela era colocada de lado na sala de aula. O que deixava as crianças desestimuladas e excluídas. E parte daí a necessidade da intervenção do psicopedagogo para auxiliar nesse processo de adaptação curricular junto ao professor.

“O currículo deve ser elaborado para suprir o aluno nas suas necessidades adaptativas e não meramente educativas e deve servir para que ocorram aquisições comportamentais adequadas, cabendo ao professor avaliar constantemente o desempenho do aluno [...]” (PAPIN; SANCHES, 2013, p. 44). E Brites (2019, p. 148-149) afirma que é importante desenvolver um plano para cada aluno autista levando em consideração as informações fornecidas pelo laudo e pelos familiares/cuidadores, para que ao longo das atividades o desenvolvimento seja avaliado. Segue o plano detalhado:

1. Objetivos realistas para serem atingidos funcional e academicamente para aquela determinada criança;
2. Definição do local mais apropriado para ela permanecer na escola (incluindo sala individual ou sala de aula comum, ou ainda outros tipos de sala da escola);
3. Conhecer outros tipos de suporte, testes ou intervenções que porventura estejam sendo implementados na criança para remediar atrasos ou trabalhar comportamentos difíceis, e qual a duração e a periodicidade deles, além dos detalhes de como são conduzidos;
4. Criar um plano de transição (se a criança está entrando agora na escola ou se existe a necessidade de fazer alterações nas propostas pedagógicas);
5. Desenvolver um currículo ou metodologia específica para a criança;
6. Se a criança será envolvida (como) em atividades do currículo geral, do extracurricular e dos processos não acadêmicos (jogos, brincadeiras sociais, musicoterapia, arteterapias, atividades comunitárias, etc.). (BRITES, 2019, p. 149-150).

Assim, as práticas pedagógicas como já enfatizado precisam estar adaptadas aos pontos positivos e negativos de cada criança, para que com isso consigam atingir as suas potencialidades e limitações. E é importante salientar também que a participação dos familiares/cuidadores nesse processo atinge grandes conquistas, e o psicopedagogo pode facilitar essa relação entre a família e professor, abrindo mais espaço e oportunidades nas escolas para que essa interação aconteça.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autismo vem despertando um olhar amplo na sociedade e nas áreas de Educação e Saúde. Isso decorre da necessidade de compreender o transtorno e seguir caminhos que facilitem a aprendizagem e conseqüentemente capacitem profissionais para lidar com o processo educacional. Dentre as intervenções necessárias, no estudo foi destacada a importância do psicopedagogo institucional nesse processo, pois tem como fundamento auxiliar as escolas a intervir na prática pedagógica de maneira capacitada e lúdica.

O estudo trouxe como achados preponderantes o processo de inclusão escolar de crianças com TEA e as relevâncias das intervenções Psicopedagógicas nesse processo. A inclusão escolar é um processo que deve ser compreendida por todos como um dever a ser cumprido, e para que a inclusão ocorra é necessário o apoio de todos os envolvidos nesse processo (pais, educadores, instituições escolares e equipe médica da criança), só assim, juntos e comprometidos com o processo educacional que a criança com TEA conseguirá evoluir e desenvolver a aprendizagem de forma inclusiva e educacional, respeitando a especificidade de cada criança.

O presente estudo não tem como foco a generalização, e possui algumas limitações, dentre elas o fato de não ir a campo no sentido de entrevistar as pessoas envolvidas com a temática, tanto as crianças e seus familiares, como também profissionais que lidam diariamente com o autismo. Por outro lado, apesar de ser um tema de preocupações crescentes entre os pesquisadores, ainda encontramos dificuldades em achar pesquisas e materiais bibliográficos mais atuais e na língua portuguesa. A maior parte das produções são em língua inglesa, o que demonstra a necessidade de mais estudos no Brasil, em especial, considerando a realidade do tema no Nordeste brasileiro.

Ao decorrer da minha formação, posso destacar que as experiências de observação e prática nos estágios supervisionados e outras experiências transformaram e ampliaram minha visão para conceitos antes vistos apenas na teoria, pois a partir da minha vivência posso afirmar que a prática traz consigo desafios diários que devem ser analisados e reavaliados para que o processo de ensino e aprendizagem de crianças com TEA ocorra de maneira significativa, prazerosa e comprometida. O estudo também despertou ainda mais a minha vontade de em breve como futura Pedagoga me capacitar na área de Educação Especial e Psicopedagogia.

O processo de inclusão percorre muitos desafios, que devem ser enfrentados todos os dias e por todos nós. E como futura educadora quis enfatizar nesse estudo a necessidade de

profissionais e instituições capacitadas para promover a inclusão e o desenvolvimento educacional de alunos com TEA. E como ponto central a Psicopedagogia, que diante da minha observação participante e estudo pude compreender que é um trabalho essencial e de extrema relevância, uma vez que, além de intervir no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, auxilia as escolas, professores e familiares dessas crianças, no intuito de propiciar ações que facilitem o processo educacional.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Elisângela do Nascimento Araújo. **A Contribuição do Método TEACCH para o Atendimento Psicopedagógico**. UFPB. João Pessoa - PB, 2015. p. 29 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1303/1/ENA27092016>> Acesso em: 14 de Jun. de 2019.

BOSSA, Nadia A. **Fracasso escolar (recurso eletrônico): um olhar psicopedagógico** / Nadia A. Bossa. - Dados eletrônicos. - Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Decreto nº 12.764, de 27 de Dez. de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. e altera o inciso 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de Dez. de 1990. Brasília, DF. 2012. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2012/lei/112764.htm)>. Acesso em: 05 de Mai. de 2019.

BRASIL. Decreto nº 13.146, de 06 de Jul. de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, DF. 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em: 25 de Jun. de 2019.

BRITES, Luciana; BRITES, Clay. **Mentes únicas**. São Paulo: Editora Gente, 2019, 192 p.

CAMARGO, Eder Pires de. **Inclusão social, educação inclusiva e educação especial:enlaces e desenlaces**. Ciênc. educ. (Bauru) vol. 23 n. 1 Bauru Jan./Mar. 2017.Print version ISSN 1516-7313 On-line version ISSN 1980-850X. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132017000100001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132017000100001)> Acesso em: 15 de Jun. de 2019.

CARUCA, Antonia Jucieelly Silva; LIMA, Dayseane Maria Araújo. **Os desafios e possibilidades de socialização de crianças autista na escola numa perspectiva gestáltica**. Revista IGT na Rede, v. 15, n. 29, 2018, p. 147-170.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família** / Eugênio Cunha. - 7 ed. - Rio de Janeiro: Wak Ed.2017. 140 p:21cm.

DELABETHA, Andiara; DA COSTA, Gisele Maria Tonin. **Psicopedagogia e suas áreas de atuação**. **Revista de Educação do Ideau**. Caxias do Sul, RS, v. 9, n. 20 - Jul./ Dez. 2014.

Disponível em: <[https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/230\\_1.pdf](https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/230_1.pdf)>. Acesso em: 06 de Mai. de 2019.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (destaques). Brasília, 2010. Disponível em: <[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por)>. Acesso em: 20 de Abr. de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: tipos e fundamentos**. São Paulo, v.35, n.3, p.20-29 Mai./Jun.1995.

KRUG, Marta Regina. **O papel do psicopedagogo na inclusão de alunos com dificuldades de aprendizagem**. Comunidade Acadêmica da CIA. 2014. Disponível em: <<http://centraldeinteligenciaacademica.blogspot.com/2014/08/o-papel-do-psicopedagogo-na-inclusao-de.html>> Acesso em 15 de Jun. de 2019.

MELLO, Ana Maria S. Ros. **Autismo: guia prático**/Ana Maria S. Ros de Mello; cola-7ªed. boração: Marialice de Castro Vatauvuk. 6 ed. São Paulo: AMA; Brasília: 2007 104 p.: il. 21cm. Disponível em: <<http://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/7guia%20pratico.pdf>>. Acesso em: 05 de Mai. de 2019.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **INCLUSÃO ESCOLAR O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003. - (Coleção cotidiano escolar) Bibliografia. 1. Inclusão escolar 2. Pedagogia I. Título. II. Série. 03-4775 CDD-379.263. Disponível em: <<https://accessibilidade.ufg.br/up/211/o/INCLUS%C3%A9O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf?1473202907>> Acesso em: 15 de Jun. de 2019.

MERLETTI, Cristina. **Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais**. USP, São Paulo, 2018, vol. 29, n. 1 p. 146-151.

NOVA ESCOLA. **Pequeno Dicionário Amoroso da Inclusão**. Dez. 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/14258/pequeno-dicionario-amoroso-da-inclusao>> Acesso em: 30 de Mai. de 2019.

PAPIM, Angelo Antonio Puzipe; SANCHEZ, Kelly Gil. **Autismo e inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do Atendimento educacional Especializado em sua prática com crianças com Autismo**. UNISALESIANO, 2013, p. 84. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56194.pdf>> Acesso em 16 de Jun. 2019.

PARIS, Rosângela. **O papel do psicopedagogo frente ao autismo**. Utilità online. Jul. 2015. Disponível em: <<https://www.utilitaonline.com.br/2015/07/15/o-papel-psicopedagogo-frente-ao-autismo/>> Acesso em: 31 de Mai. de 2019.

PORTAL EDUCAÇÃO. Chrome -**Trajetória histórica da psicopedagogia no Brasil**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/esporte/trajetoria-historica-da-psicopedagogia-no-brasil/45599>> Acesso em: 24 de Mai. de 2019.

QUEIROZ, D.T., VALL, J., SOUZA, A. M. A. , VIEIRA, N. F. C. **Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações na Área da Saúde**. R Enferm UERJ, Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>> Acesso em: 03 de Jul. de 2019.

SCHMIDT, Carlo. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. In: SCHMIDT, C (org) Autismo, educação e transdisciplinaridade. Campinas, SP: Papirus, 2013.

TAKEDA, Tatiana. **Psicopedagogia e autismo: um estratégia de ensino**. Jornal O Popular. Góias. Dez. 2015. Disponível em: <<https://www.opopular.com.br/noticias/ludovica/blogs/viva-a-diferen%C3%A7a/viva-a-diferen%C3%A7a-1.925289/psicopedagogia-e-autismo-um-estrat%C3%A9gia-de-ensino-1.1010218>> Acesso em: 31 de Mai. de 2019.

TIRADENTES, Cibele Pimenta; RIBEIRO, Jéssica Cavalcante. **A Influência Da Psicopedagogia na Prática Docente**. Revelli – Revista de Educação, Linguagem e Literatura ISSN 1986-6576 v.9 n.3. Inhumas/Goiás. Set. 2017, p. 57-67. Disponível em: <<file:///C:/Users/casa/Downloads/6052-Texto%20do%20artigo-24215-1-10-20170930.pdf>>. Acesso em 30 de Mai. 2019.